

Apresentação

O número 8 da revista *Pandaemonium Germanicum* está sendo publicado sob o signo da literatura e do jubileu da morte de Kant. Este número contém oito artigos da Argentina, do Brasil e da Alemanha sobre teoria estética, literatura e tradução. Juntam-se a eles ainda um artigo sobre a investigação lingüística, um artigo sobre a tradução literária e duas resenhas.

O eixo temático do bicentenário da morte de Immanuel Kant foi pensado para apresentar principalmente contribuições sobre a *Crítica da faculdade do juízo*, a repercussão de Kant no debate contemporâneo sobre a estética, em especial no que se refere à teoria do sublime. Nisso fomos bem sucedidos, ao reunir aqui cinco artigos (em três línguas), embora o âmbito filosófico até então não estivesse muito representado na revista. Trata-se de três trabalhos originais e dois textos que, em razão de sua importância para o tema, estão sendo aqui publicados novamente em um novo formato.

Michael KÖRFMANN destaca, na Estética de Kant, o fato de que ela é a fundadora da autonomia de arte e, assim, fornece até hoje um arcabouço teórico válido para a discussão estética. A tentativa de sistematização de Luhmann poderia ser encarada como uma continuação e radicalização da abordagem kantiana: a auto-referência da arte corresponde, nesta perspectiva, à independência de objetivos éticos constatada por Kant. Dentro da arte, concebida como sistema teórico, o sublime complementa o belo. Enquanto a beleza que agrada aos sentidos necessita do julgamento racional através do gosto, o sublime promove o fracasso dos sentidos com seu excesso e, através disso, torna o sujeito consciente de sua inteligência superior. O objeto da arte é, em última instância, aquilo que não se pode representar – o sublime.

No texto de Miguel VEDDA, trata-se da desproporção da “análítica do sublime” em relação à discussão do belo, que o autor remete à impossi-

bilidade de conciliação entre natureza e razão. O sublime é aqui testemunha da violência oculta nos processos sociais. O observador do sublime na natureza e da arte precisa, do mesmo modo que aquele levado pelo imperativo moral, desprender-se do daquilo que é material e da satisfação dos desejos, a fim de fruir uma forma sublimada de satisfação. Analogamente à ausência de forma e medida do sublime, surge a imensidão danosa do capital e da “segunda natureza” tecnológica.

Na direção oposta, COSTA LIMA discorre em seu artigo sobre uma base para a revisão da mimese que, como ele tenta mostrar, pode ser derivada da terceira crítica, principalmente a partir do conceito de beleza livre, geralmente interpretada como formulação abrangente da arte abstrata. Aqui, contudo, a “beleza livre” e o sublime colocam-se como dois pólos da experiência estética, a qual, por sua vez, representa uma realidade trabalhada pelo sujeito. O sublime e a beleza livre tornam-se, então, casos extremos de uma mimese alimentada pela experiência da realidade transformada subjetivamente.

O artigo de Hartmut BÖHME sobre “o pétreo” foi publicado em 1989 em uma coletânea sobre o sublime e é aqui oferecido ao público latino-americano em uma versão em português. Böhme demonstra, baseado na diferenciação Kantiana entre o belo artístico e o sublime da natureza, como o anseio iluminista apreende o selvagem, o não-cultivado, o inanimado através do conceito do sublime e os torna – aparentemente – acessíveis à estética. Segundo Böhme, na literatura do Romantismo isso é corrigido quando autores mais lúcidos, como Novalis, mostram em seus textos como o pétreo – na qualidade daquilo que é mais avesso ao ser humano na natureza –, por sua vez, apodera-se do homem e o afasta de sua natureza humana. Do Romantismo até a arte da modernidade, o sublime estabelece, assim, um campo que se furta à dominação e mantém a consciência alerta para o fato de que também nos seres humanos há elementos incontrolláveis que exigem atenção.

Um outro artigo sobre a estética do século XVIII refere-se apenas marginalmente a Kant, mas também aqui o pétreo desempenha um papel proeminente. Na análise de Natalie BINCZEK do texto de Herder sobre a escultura, é principalmente a matéria inanimada do mármore que, sob a forma das roupas esculpidas, perturba o de vida do corpo das estátuas. Contudo, nas vestimentas “molhadas” das estátuas gregas, Herder vê uma

“segunda pele”, a qual, por um lado, deixaria entrever o corpo representado e, por outro, esconderia até mesmo o seu interior orgânico que alude à morte.

O âmbito dos estudos literários está representado nesta edição por três artigos. Juliana PEREZ apresenta uma nova interpretação das declarações poetológicas de Paul Celan em seu poema “Sprachgitter”. Analogamente a algumas admissões de Celan em suas cartas e textos em prosa, Perez vê o poema como testemunha de marcas doloridas deixadas no sujeito pela realidade. Com a conhecida metáfora de Celan sobre a “mensagem em garrafa” mostra-se o direcionamento não-direcionado do poema: ele é dirigido a algo em aberto, seja o “tu” ou uma “realidade”, que se deixariam “ocupar” pelo poema. Surge assim um conceito de literatura que não pode abrir mão de uma referência à realidade e de um destinatário, mas prescinde dos conceitos tradicionais de representação e de atuação sobre o leitor.

No texto de Klaus EGGENSPERGER, a imagem de Mefistófeles no *Fausto* I e II é retraçada e comparada à do Mefisto medieval e de Marlowe. A ausência de qualidades diabólicas apresenta-se, então, como um tributo à secularização que não mais vê o mundo como maniqueísta e o homem como causador do mal mundano. É verdade que o Fausto de Goethe faz um pacto com o “mal”, mas isso pode ser facilmente situado no âmbito das manifestações sociais do moderno, sem recorrer ao céu ou ao inferno.

Também a conversa entre Marcus Mazzari e Michael JAEGER gira em torno do Fausto de Goethe. Contudo, Jaeger, que há pouco tempo publicou sua tese de livre-docência com esse tema, não se concentra apenas em um aspecto específico, mas determina o sentido da obra como um todo em termos da tragédia da civilização moderna. Enquanto na tradição interpretativa dominava até agora uma visão predominantemente positiva ou pelo menos neutra do Fausto, Jaeger se alinha com uma tendência mais pessimista na sua filologia. Na figura de Fausto, ele vê o paradigma de todos aqueles traços catastróficos percebidos e plasmados pelo poeta já no início da era moderna, mas que apenas no século XX se tornariam experiências sociais centrais das massas. Não se pode atrelar nenhuma esperança ao progresso e a seus protagonistas prometéticos, mas apenas destruição, morte e escravidão.

Igualmente de Goethe se ocupa, por fim, uma resenha sobre a nova edição da tradução do *Fausto* I de Klabin Segall. Ao autor da resenha pareceram especialmente dignos de nota os cuidadosos comentários, bem como a primeira publicação brasileira das “cenas da Walpurgisnacht”, que haviam sido segregadas por Goethe já em sua época.

Ecos de vários temas abordados nos artigos sobre Kant e Fausto podem ser também encontrados nos artigos que aqui representam os estudos lingüísticos e tradutológicos.

Os efeitos do progresso e da técnica sobre os seres humanos, citados, por exemplo nos artigos de Vedda e Jaeger, também se espelham na linguagem. Ulrike SCHROEDER mostra em seu artigo como metáforas construídas a partir de conceitos originariamente exclusivos das áreas da ciência e tecnologia invadem cada vez mais a linguagem do cotidiano e são aplicadas inclusive a esferas nas quais isso não seria esperado, como a dos relacionamentos pessoais. Além disso, a autora mostra que esse tipo de metáforas aparece com muito mais freqüência na fala de alemães que na de brasileiros e se questiona sobre quais traços históricos e sociais poderiam ter contribuído para esse quadro.

As características do Romantismo citadas no artigo de Boehme podem ser responsáveis pelo interesse, até a atualidade, despertado por seus autores em todo o mundo, suscitando novas traduções de suas obras que trazem não poucas dificuldades para aqueles que as empreendem. Maria Aparecida BARBOSA apresenta aqui um relato de algumas de suas dificuldades ao traduzir o texto “Das Fräulein von Scuderi” de E. T. A. Hoffmann, bem diversas considerações motivadas pela comparação entre o original e traduções para o francês e para o espanhol.

Finalizando este número, temos uma resenha de um livro que se ocupa de um tema que aos poucos vem ganhando espaço nos estudos acadêmicos da Europa e das Américas: as histórias em quadrinhos. Vistas por muito tempo como mero produto de massa ou como subliteratura, os quadrinhos começam a se impor como linguagem estética autônoma, que não é de modo nenhum rudimentar ou nociva ao intelecto, como foi considera-

da há alguns anos. O livro *Comics* de Dietrich Grunewald apresenta uma abordagem séria e profunda das várias facetas dessa nova linguagem ainda pouco explorada academicamente.

Para a próxima edição da revista estão previstos dois eixos temáticos centrais, um na literatura e outro na lingüística.

Por ocasião do bicentenário da morte de **Friedrich Schiller**, buscamos artigos que se ocupam da **representação da história em obras literárias**. Naturalmente são bem-vindos textos sobre os dramas de Schiller, mas também artigos sobre outros autores de língua alemã que apresentem contribuições interessantes em gêneros relacionados à história. Com este tema não pretendemos tão somente festejar adequadamente o jubileu de um dos maiores escritores alemães que talvez goze, nos dias de hoje, até mesmo de um maior reconhecimento na América Latina que na Alemanha. A tendência crescente nas últimas décadas, de reconhecer elementos narrativos e ficcionais na historiografia, deve aqui ser aplicada à literatura de uma perspectiva invertida: ainda faz sentido falar-se em romances históricos ou drama histórico? Como esses gêneros podem ser definidos? Qual a relação entre ficcional e factual em tais obras, qualquer que seja sua definição? A quais transformações se submete o modo de representação e apreensão do histórico no seu processo de recepção, o qual, por sua vez, também possui uma dimensão histórica? Qual posição é assegurada ao texto literário concreto no campo instável entre a história e a memória coletiva? Questões desse tipo se impõem quando um olhar é lançado sobre a obra de Schiller a partir da América Latina contemporânea – mas não apenas deste ponto de vista. Esperamos que respostas a estas e outras perguntas possam ser delineadas com o maior número possível de contribuições da América Latina e do outro lado do Atlântico.

A mesma busca por contribuições que forneçam incentivo à reflexão sobre encontros e divergências entre as visões européia e latino-americana nos leva ao segundo eixo temático do próximo número: os **estudos comparativos da linguagem** englobam, hoje em dia, desde os aspectos da lingüística tradicionalmente mais estudados, como fonética/fonologia, morfologia e sintaxe, até aqueles mais recentes e suas intersecções com outras ciências. Podemos citar aqui a lingüística textual e a pragmática, que muitas vezes se utilizam de e, por sua vez, oferecem contribuições à retórica, sociologia, antropologia, psicologia e tantas outras.

É sabido que muitos lingüistas se ocupam, tanto na América Latina como na Alemanha e outros países de língua alemã, de estudos comparativos enfocando as línguas alemã, portuguesa ou espanhola e a cultura de seus falantes. No entanto, poucas vezes tem-se a oportunidade de encontrar trabalhos de tais especialistas reunidos em um panorama dos estudos comparativos das três línguas. Assim, esperamos, no próximo número de *Pandaemonium Germanicum*, reunir um número significativo de contribuições sobre esse tema, a fim de fomentar o contato entre as várias pesquisas na área em diversos países e continentes, para o que contamos com a sua colaboração. Por tratar-se de um panorama, serão bem-vindos textos sobre quaisquer aspectos comparativos que envolvam as três línguas citadas em todos os âmbitos da lingüística, desde a fonologia até os estudos culturais.

Naturalmente, a proposta destes dois eixos temáticos não deve ser vista como impedimento para que nos sejam enviados artigos que se ocupam de outras áreas da literatura de língua alemã e dos estudos lingüísticos, tradutológicos e culturais, já que *Pandaemonium* também foi idealizada para ser um fórum aberto à germanística no Brasil e na América Latina.

Àqueles interessados em nos enviar artigos (em alemão, português, espanhol ou inglês) pedimos que observem o **prazo de envio (até 31 de janeiro de 2005)** e a formatação dos textos constante do final deste exemplar.

Nossos agradecimentos aos autores, que nos disponibilizaram seus textos, e aos pareceristas e revisores, que novamente se empenharam pela publicação de mais um número de *Pandaemonium Germanicum*. Como redatores responsáveis por este número, assinam

Selma Meireles e Helmut Galle
São Paulo, em novembro de 2004